

eu e o velho



Beto Vianna

Linguista, publicitário, tocador de serenata e escritor, é pai de Tábata e Ariel.

eu

acordei tarde como sempre, e notei (aliviada) que o sol já estava alto. acima do abrigo confortável do tapete de cardos, o vento devia estar acima dos 40 por hora, e, é claro, na direção errada. resignei-me a permanecer próxima ao solo, mas ali embaixo fazia um frio de cortar. difícil levar a vida adiante desse jeito. o céu daquela tarde de outono estava despido de qualquer nuvem, e o sol administrava suas pílulas de calor em qualquer um que desse as caras na superfície. em mim, por exemplo, não fosse o diabo do vento.

muitas irmãs e irmãos faziam o mesmo. a maioria tinha ido já embora, no rumo inexorável do sul, e os que permaneciam, um fervilhar de carinhas, umas mais outras menos familiares, ainda se contavam aos milhares. contavam... que palavrinha estranha. contas, números, medidas, tudo muitíssimo estranho. cada vez com mais frequência, as lembranças humanas tomavam conta de mim. e não só as lembranças. o pior eram as dúvidas impossíveis, os medos, aquela curiosidade e aqueles desejos retorcidos, infantis, egoístas, que pareciam totalmente desnecessários em mim, não combinavam com nada em minha existência, com meus momentos de viva lucidez. tudo culpa da noite, do imago sombrio que nascia dos delírios do sono. passei a ter receio de dormir. pelo menos eu não tinha que fechar os olhos (fechar os olhos? lá vêm os assombros humanos me assaltando de novo). mas dormir era muito mais que mera necessidade. a queda de temperatura, já no comecinho da noite, entorpecia os membros, emperrava o maquinário todo, travava as articulações. impossível prosseguir viagem naquelas condições. impossível... que palavrinha estranha.

como se o endereço importasse, nasci na província de yunnan, nos contrafortes do monte cangshan. ali nasci como eu sou hoje, e ali nasci como eu era antes, uma bebezona enorme, esfomeada, e, por mais que isso soe insensato a ouvidos desacostumados, tão obesa quanto vegetariana. de um nascimento a outro nunca me afastei muito (nem poderia) daquele lugar, arrastando vagarosamente minhas carnes fofas pelas mesmas ramagens, sempre mastigando as mesmas plantinhas carnudas, sempre digerindo as mesmas e intoxicantes folhas de glicínia, com um apetite pachorrento que prefiro nem recordar. não me envergonho do passado (nem sei bem o que é me envergonhar). era simplesmente uma outra vida, por onde quer que se olhe, bem diferente da minha esbelta e atual liberdade em três dimensões, se é que se pode chamar de livre um rumar inexorável para o sul. inexorável.

sonhei algumas vezes com o sul, com o bafo quente e úmido duma terra chamada tailândia. lá (diziam as irmãs mais velhas), eu iria conhecer o amor e o sexo, rodopiando pelas florestas com algum dos irmãos, se calhasse até mesmo um daqueles guapíssimos irmãos morenos, companheiros de viagem de riscas avermelhadas e perninhas aveludadas. inexorável direção sul até uma terra chamada tailândia. pelo menos não teria que atravessar o mar. dizem que no mar, não importa o vento ou o frio que faça, não se pode descansar, não se pode dormir, nem se pode sonhar. que bom deve ser atravessar o mar, onde não se pode dormir nem sonhar.

tínhamos deixado cangshan há muito, mas as altitudes elevadas pareciam nunca ter fim. ansiava pelas terras baixas, onde os dias seriam mais quentes, os ventos mais moderados e, diziam, até o cardo teria outro sabor. mas, diziam, havia perigos também. durante toda a jornada, quando a tarde caía, as irmãs e os irmãos mais experientes contavam histórias dos seres terríveis que habitavam as terras baixas. as histórias me deixavam amedrontada (e excitada). a pior (a melhor) delas

falava do morcego-orelha-de-rato, um monstro peludo capaz de devorar qualquer irmã ou irmão que ousasse se aventurar na floresta ao cair da tarde. de todo modo, uma lenda útil, no reforçar nos mais novos o bom hábito do repouso vespertino. será que as irmãs e os irmãos contavam mesmo essas histórias ou estou me deixando tomar por um outro eu, um eu que sabe ouvir e sabe contar histórias? as pessoas é que costumam ouvir e contar histórias. contar, numerar, medir, nomear.

de todos os cantos por onde passei, um que me iria doer com esse incômodo excêntrico (mas universal) chamado saudade, era a fonte das borboletas. na primavera seguinte, diziam os já viajados irmãos e irmãs, eu até poderia, quem sabe, rever o lugar. a fonte ficava bem pertinho da terra natal, um lugar tão bonito como qualquer outro, mas desde a minha primeira vida me perturbara (me angustiara?), acima do lugar, o nome do lugar. como é desnecessário os lugares terem nomes. o lugar não vai sair do lugar por causa do nome. e no entanto, de um jeito esquisito, era o nome o que me atraía, ou era o nome que me fazia lembrar do lugar. e como acontecia com todos os nomes que as pessoas davam aos lugares, esse tinha uma história.

a história da fonte das borboletas

há muitos e muitos anos, em um poço onde jorrava uma fonte de água límpida, vivia uma enorme serpente, que se alimentava das pessoas e animais que por ali passavam. o povo bai, habitante da aldeia ali perto, temia a serpente e evitava o local mesmo em tempos de necessidade. só os muito corajosos ou muito estúpidos se atreviam a buscar água na fonte amaldiçoada. um dia, duas belas jovens foram capturados pela cobra quando tentavam buscar água para a avó, que estava doente. du zhao, um jovem caçador, ouviu os gritos de socorro e

correu para a fonte, onde lutou bravamente contra a maléfica serpente. du zhao matou a serpente e carregou seu corpo, de cheiro forte de enxofre, para bem longe dali. as duas jovens insistiam em se casar com du zhao, a fim de recompensá-lo por salvar as suas vidas e a sua aldeia. no entanto, du zhao recusou educadamente. desesperadas, as duas se jogaram nas águas do poço e se afogaram. du zhao sentiu tanto pesar pela tragédia das moças que mergulhou também, desaparecendo nas profundezas do poço. naquele mesmo dia, os três jovens transformaram-se em três lindas borboletas coloridas, esvoaçando delicadamente junto ao espelho d'água. desde então, toda primavera, milhares de borboletas se reúnem no local, que passou a ser chamado, pelo povo bai, de fonte das borboletas.

passávamos agora rente às faldas das montanhas xishan, a sudoeste da grande cidade de kunming. já havia visitado kunming uma vez, uns dias atrás. meio fora da rota, mas os irmãos e irmãs fizeram questão do desvio, por conta, é claro, das flores (não chegamos a entrar na cidade propriamente dita, em seu frenesi de gentes, gritos, casas, cães, cavalos e charretes; estivemos nas imediações, na zona rural, como é chamado pelas pessoas). como esquecer dos lírios, das camélias, das magnólias, azaléias, prímulas e orquídeas amorosamente cultivadas pelas pessoas de kunming? dava pra sentir o cheiro do néctar de longe. e há os amontoados de dejetos, o lixo, as fezes, os restos de macarrão ho fun e carne apodrecida e seu bafio de odores inebriantes, atijando e aguçando o olfato e o paladar para um refinado banquete de sumos. e há as pessoas de kunming, deliciosas também, principalmente sob o sol mais forte, aquele suorzinho escorrendo, aquele gostinho do sal...

nas montanhas xisham era raro encontrar uma pessoa. mas acontecia. uma vez eu estava rodopiando com um irmão – uma interação em espirais e helicoidais sem segundas inten-

ções, é preciso dizer – e praticamente trombamos com uma menina bem nova, que vinha correndo, displicente, em nossa direção. ela parecia encantada em nos ver. colocou o dedinho em nossa direção e o irmão logo correspondeu fisicamente ao gesto, atraído pelo cheiro forte que emanava da criança resfolegante. eu recuei. e isso porque a mim, devo confessar, deu-me nojo. a simples idéia (desde quando tenho idéias?) de lambe uma menininha me tornava suja, como se tocar seu dedo com a boca fosse impróprio, proibido, errado, e sabe-se lá que outras interdições eu elaborava para mim mesma, num estado de confusão emocional que me fazia duvidar de mim, de minha própria existência. o irmão nem notou meu estado de aversão, o que, aliás, é perfeitamente normal para um irmão. a criança, por outro lado, via-se que ficara triste, e isso era terrível. me dei conta que o terrível não era ela ter ficado triste, mas eu ter visto que ela ficara triste. e era terrível, também, eu me dar conta disso.

eu não entendia, eu não me entendia. eu sabia que uma outra vida, aquela terrestre, vegetariana, e paquidérmica vida, essa tinha ficado pra trás. mas e essa outra vida, essa que é passado e não passada, essa que, entre cada reaparecer, some (ou finge que some) deixando rastros tão vivos no chão? fui eu mesma, aérea como sou, quem deixou esses rastros no chão? lembrei-me de um poeta inexistente, john shade, e de uns versos seus assim:

*pegadas de faisão! ave formosa,
a tua china em meu quintal recrias.
estaria em sherlock a personagem
que, calçando os sapatos ao contrário,
faz pegadas que apontam para trás?*

xishan. o sol já dava ares de sumir por detrás da magnífica cadeia de montanhas. que horas seriam? umas cinco e meia?

e desde quando eu conto as horas do dia? a merda é que eu sabia muito bem a resposta. eu sabia que estava me deixando tomar por preocupações que não eram minhas. eu sabia que meus pensamentos se metamorfoseavam em vultos que “pareciam totalmente desnecessários em mim, não combinavam com nada em minha existência, com meus momentos de viva lucidez”, repetia eu. eu sabia que a noite viria me buscar, toda noite, com seus delírios de nomes e de histórias e de contas e de números e de medições e de dúvidas e de medos e de desejos absurdos, infantis, egoístas, e que no dia seguinte, como hoje, como todo dia, os delírios noturnos não permaneceriam encasulados no escuro da noite, mas me acompanhariam nessa viagem viva, lúcida, inexorável, rumo às quenturas do sul, como uma maldição. agora eu sabia. o que eu ainda não sabia, naquela primeira manhã em cangshan, quando tudo parecia novo (e era novo) para mim, quando eu finalmente era leve e graciosa o suficiente para cruzar o espaço das coisas e dos lugares, para ver as outras vidas do alto, para acompanhar as irmãs e os irmãos até o outro lado de qualquer montanha, é que a noite iria chegar e me jogar de volta pro chão como um saco de cimento. saco de cimento... desde quando eu sei a medida das coisas? desde quando eu me preocupo com o cimento?

xishan. o sol finalmente sumira por detrás da magnífica cadeia de montanhas. o escuro e o frio embotam-me o corpo. sinto os movimentos cessarem, as asas se espalmarem. sinto as pálpebras pesadas, elas estão se fechando, não! não pode ser, eu não tenho pálpebras, meus olhos permanecem abertos sempre, sempre, sempre, vou dormir, estou dormindo, dormi.

acordei muito cedo, no dia seguinte. quando abri os olhos, notei pela penumbra do cômodo que o sol ainda estava dormindo. espreguicei. sonolento, senti o sangue fluindo pelos dedos dos pés e das mãos. senti a pressão do velho estrado de madeira sob a nuca, sob as costas, sob o quadril, sob os cal-

canhares. bocejei. senti o ar frio da madrugada enchendo os pulmões. passei os dedos por entre os brancos cabelos ralos, soltei um peido e me levantei.

o velho

levantou cedo, estava escuro ainda. colocou a água do chá para ferver e se deixou quedar absorto, olhando pela janela, para o vazio lá fora. que bela madrugada de primavera e os insetos ainda estão dormindo, pensou chuang tzu. tomou o chá devagar, debruçado sobre uns tantos tomos que aguardavam sua douta leitura. leu, estudou, cansou-se e saiu para o jardim. olhou para cima e o sol, já alto, feriu-lhe as vistas. uma gota de suor escorria-lhe pela testa quando uma delicada borboleta migratória – *vanessa indica*, o almirante vermelho, *the red admiral* – pousou no nariz do velho. o velho piscou três vezes os olhos, quase instintivamente, quase como se seu corpo quisesse se certificar de algo, ou se lembrar de algo. lembrou-se de vladimir nabokov (como pôde se lembrar de alguém que só iria nascer dois mil anos depois?) e disse em voz alta os versos quase finais, pois nunca terminados, do canto quatro de “fogo pálido”:

*com sua listra carmim, a vanessa
volteia à luz do sol poente e pausa
na areia, o azul das asas salpicado
de branco. e, enquanto a luz se esvai e crescem
as sombras, desatento à borboleta
passa um homem...*

